

76. S. 12659

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 66

Col. 20

A parte que toma a Inglaterra  
na guerra

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



## A parte que toma a Inglaterra na guerra

---

Para o espectador uma guerra prolongada tem, no meio dos seus horrores, uma pequena vantagem: pode mais facilmente perceber os erros cometidos pelos combatentes. Não lhe é preciso esperar o juizo da historia. Vê que, tanto a Inglaterra como a Alemanha—os dois protogonistas deste conflicto titanico— tem cometido erros; e num aspecto desses erros vê, provavelmente, um contraste. Um cinico diria que a Alemanha tem dado ao mundo noticias demais e a Inglaterra noticias de menos. Nisto está um contraste de character. A tradição actual na vida da classe média de Inglaterra é de não se vangloriar. A tradição alemã, impelida por motivos nacionais, é pelo contrario de blasonar pelo mundo fóra os seus feitos, carregando-lhe á vontade as côres.

O resultado é que, só por meio de pressão, o povo inglez tem conseguido que o seu Governo declarasse qual a parte que a Inglaterra está tomando na guerra; não é portanto de estranhar se o mundo em geral não a sabe avaliar. Houve ultimamente um exemplo que characterisa a situação. Com a sua cortezia habitual—ou talvez por uma politica exageradamente generosa— nos relatorios das diferentes batalhas, as

autoridades militares realçavam os feitos das tropas canadianas e australianas sem nunca se referirem ás dos regimentos britannicos. Perguntou-se naturalmente se os soldados coloniais estariam em numero desproporcionado, ou se a eles cabiam as tarefas de maior difficuldade. O Governo britannico viu-se obrigado a pôr de parte a sua excessiva modestia. Os relatorios militares começaram a nomear os regimentos inglezes e as tropas coloniais tomaram logo as suas devidas proporções. Sabe-se agora que das tropas actualmente na linha de fogo 75 por cento e mais são britannicas, e as coloniais são menos de 25 por cento. Estes algarismos refutam logo a suspeita que as tropas coloniais suportam o maior peso da guerra. O Reino Unido tem uma população de 45 milhões. O Canadá, a Australia e a Nova Zelandia tem uma população de 10 milhões. Tendo-se em consideração que nas colonias ha maior proporção de mancebos, corresponde a estes algarismos a proporção de combatentes.

Porém tais bases podem induzir em erro: a verdade é que a balança pesa muito mais para o lado da Gran Bretanha. E' a esta conclusão que chegaria quem examinasse a situação com criterio, visto ser voluntaria a cooperação colonial; porém os factos nem sempre se pesam. Além de manter um exercito, a Inglaterra tem de tripular e manter uma armada de proporções colossais. Para secundar essa armada silenciosa, sempre álerta, com os seus 200.000 homens, ha um exercito de fornecedores, constructores, mi-

neiros, fabricantes de munições, etc., que representam centenas de milhares de individuos. Se incluímos nessa conta o Serviço Aéreo Naval com a sua gente, a esquadra de «mosquitos» que estende a sua rede pela zona perigosa, os transportes e os barcos de serviço, temos pelo menos um milhão de homens detidos pela marinha, e isto está a cargo unicamente da Gran Bretanha. Mas isto mesmo representa só uma parte da força efectiva da Gran Bretanha. A parte uma certa quantidade de munições fabricadas no Canadá, a Gran Bretanha tem de alimentar, equipar e armar, um exercito de cinco milhões de homens; tem de fornecer as materias primas, o carvão, a mão d'obra, os navios e as finanças para a quasi totalidade desta vasta empresa. Só no fabrico de munições tem de fornecer tres milhões de operarios — e isto além dos cinco milhões de combatentes — um exercito de gente que se emprega em transportes e nas minas, o pessoal das enormes repartições publicas, e todas as numerosas industrias subsidiarias. Não é preciso uma imaginação muito fertil para comprehender o que este esforço exige aos seus recursos.

Deitemos agora uma vista de olhos á parte que tem a Inglaterra em toda a área do conflicto: a impressão é a mesma. Na luta cooperativa do outono de 1916, veio a reconhecer-se que a linha da Gran Bretanha estendia para léste até ao Ancre. A partir desse ponto até ao mar, excéto um pequeno sector defendido pelos belgas, as tropas britannicas occupam toda a li-

nia; um estudo cuidadoso do mapa fará ver que eles deteem mais de metade das forças alemãs no ocidente; noutros termos, dois terços do exercito alemão. A linha efectiva de combate estende-se desde Verdun até ao mar; desta linha de 200 milhas as tropas britannicas occupam 120 milhas que incluem a maior parte da frente em face das linhas de Hindenburgo. Nesta frente deram durante 1917 quatro ataques importantes: Arras, Messines, Ypres e a Estrada de Menin, e em cada ataque estabeleceram-se em grandes extensões de terreno intensamente fortificado da linha alemã. E a força da sua pressão aumenta. Desde o dia 20 de setembro, lançaram cinco ataques de frente ás posições alemãs, capturando a maior parte das eminencias que dominam a planicie belga, dando aos alemães 75 por cento mais baixas do que eles próprios sofreram. Longe de se sentir exausta, a Gran Bretanha manda hoje para a França 24 toneladas de mantimentos e munições onde em janeiro mandava 11! Uma linha ferrea que em março, quando se preparava a offensiva da primavera, transportava por semana 25.300 toneladas, hoje transporta semanalmente 173.400 toneladas. Ao mesmo tempo tem de alimentar e equipar os exercitos que se acham na Grecia, no Egypto, na Palestina e na Mesopotamia. Dos 22 milhões de libras diarias que a guerra está custando aos combatentes europeus, á Inglaterra cabe a terça parte. Com uma população industrial muitissimo reduzida tem de fornecer 500 milhões de libras por ano

e de fazer face a uma divida de 4.000 milhões de libras. A historia saberá reconhecer que a parte tomada pela Inglaterra nas guerras contra Luiz XIV e Napoleão era leve comparada com a parte que tem nesta luta para libertar a Europa da nova ameaça.

